

**“NOVAS” E “DIFERENTES” LINGUAGENS E O ENSINO DE  
HISTÓRIA:  
construindo significados para a formação de professores**

**“NEW” AND “DIFFERENTS” LANGUAGES AND THE TEACHING OF  
HISTORY:  
*building meanings in teacher training***

**Nucia Alexandra Silva de Oliveira<sup>1</sup>**

**RESUMO**

O objetivo deste texto é discutir como professores, em processo de formação, têm selecionado ‘novas linguagens’ para o Ensino de História. Tal discussão é estabelecida através da observação do material produzido por estagiários e estagiárias do Curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Neste material (composto por planos de aula e projetos), procurou-se acompanhar as escolhas feitas como parte do processo de construção da identidade docente e dos saberes históricos escolares. Foram percebidos os seguintes aspectos: os tipos de linguagem usadas; as razões de suas escolhas e também, o modo de como são utilizadas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Formação docente. Novas linguagens.

**ABSTRACT**

The purpose of this paper is to discuss how teachers in the training process have selected “new languages” for the Teaching of History. This discussion is established through the observation of the material produced by interns of the Course of History at the University of Santa Catarina (UDESC). This material (consisting of lesson plans and projects) tried to follow the choices made as part of the construction of teacher identity and knowledge academic transcripts. Were noticed the following aspects: the types of language used and the reasons for their choices and too how they are used in the classroom.

**Keywords:** History teaching. Teacher training. New languages.

**1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Para iniciar a discussão aqui proposta apresento algumas impressões, colhidas junto a estudantes do Ensino Fundamental, no início

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora adjunta da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Email: [nucia.oliveira@gmail.com](mailto:nucia.oliveira@gmail.com)

do ano de 2010, em turmas de 7º, 8º e 9º ano<sup>2</sup>. São respostas dadas a diferentes perguntas feitas com o objetivo de perceber qual o entendimento destes estudantes quanto a disciplina que estudávamos, bem como quanto aos modos de aprender História. A primeira questão feita foi: **Em sua opinião o que é a disciplina chamada História?**. Eis algumas das respostas dadas: “A história é uma disciplina que estuda o passado.”; “É uma aula que a professora explica sobre a Idade Média, sobre Roma e outras coisas.”; “Eu entendo que ela estuda os acontecimentos.”

Por sua vez, para a pergunta: **Você sabe o que são documentos ou fontes históricas?**, foram feitas as seguintes colocações: “documentos são: certidão de nascimento, livros” e “documentos históricos são papéis, objetos”.

E, finalmente, para a terceira questão: **Como nos informamos para estudar História?**, os estudantes disseram que: “História estuda com pesquisa.”; “Estuda com fotos, documentos, diários.”; “A história estuda os acontecimentos a partir de indícios.”; “Cada pessoa analisa a história de uma maneira...é por isso que cada um tira suas conclusões baseando no que pensa... é este meu ponto de vista.”; “Estuda no Google.”

Observando as afirmações feitas, pode-se notar que elas dizem muito sobre o ensino de História e sobre os modos como os estudantes a percebem. Por exemplo, há um entendimento/definição da história como disciplina que estuda o passado; também se nota que os estudantes compreendem que a História se faz através de pesquisa (mesmo que seja através do Google!); e ainda há o entendimento de que cada um pode construir explicações para a História.

Mas há mais coisas a se perceber..., pois essas respostas colocam um fato muito importante: deve-se olhar para dentro das salas de aula, e para aquilo que os estudantes pensam/entendem estar fazendo nas aulas

---

<sup>2</sup> Trabalhando como professora em uma escola da Rede Pública de Florianópolis, iniciei o ano letivo investigando quais as ideias históricas que os estudantes tinham sobre o próprio ensino de História. A ideia desta investigação era buscar elementos para a organização do planejamento anual de cada turma.

de História. Entendo que devemos nos informar e nos formar para lidar com os conceitos de história de nossos/as alunos/as, bem como com os modos pelos quais eles/elas percebem como se processa a construção da história, porque, caso contrário, estaremos realizando atividades sem sentido, não importando quão moderno seja o recurso tecnológico que escolhemos para a nossa aula. Por conta disso, optei por iniciar este texto trazendo tais dados e reflexões, pois, afinal, pensar o uso de diferentes linguagens em sala de aula deve ser entendido como parte de um processo mais amplo, localizado em práticas que relacionem o uso de tais recursos em um diálogo com uma proposta de ensino que possibilite aos estudantes fazer parte do processo de ensino e produzir significados com ele.

Este texto é, portanto, um convite, ou ainda uma proposta: a de projetar meios de seleção e uso de novas e diferentes linguagens em aulas de História, refletindo sobre como estas escolhas e usos podem e devem significar meios para um exercício significativo de aprendizagem em História. Para tanto, uma investigação bastante específica foi feita: os modos como professores, em momento de formação inicial, elegem novas linguagens para o desenvolvimento de suas aulas. Explico: para desenvolver a problemática aqui proposta, tomou-se como objeto de investigação os projetos de estágio e os planos de aula de estagiários/as do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A ideia é perceber e refletir sobre como e porque os estagiários/as escolheram diferentes linguagens para suas aulas, como justificaram tais escolhas e, ainda, qual o uso dado aos recursos.

Cabe destacar que o objetivo de tal investigação não é avaliar o trabalho realizado, longe disso, a intenção é promover um debate sobre o uso de novas linguagens em aula de História, visto a visibilidade do tema e o uso constante que sido feito desses recursos.

Para adiantar, é possível dizer que, hoje, é quase uma unanimidade entre professores em formação a necessidade de usar novas linguagens e tecnologias, seja como instrumento de trabalho (aqui estou considerando o uso do *Data Show*) ou ainda como fonte de

investigação (considera-se, neste caso, a escolha de trechos de filme, sites, blogs, etc.). De um modo ou de outro, entende-se que o apelo ao uso de diferentes linguagens é grande..., mas cabe perguntar: Como elas sido utilizadas? Por que têm sido descritas como necessárias? Com quais objetivos são selecionadas e levadas para aulas de Histórias?

## **2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DE “NOVAS” TECNOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA.**

Não é novidade dizer que a História, em seu processo de construção como disciplina escolar, experimentou diferentes momentos no que se refere aos conteúdos a serem ensinados, as finalidades de seu ensino e aos métodos que deveriam ser empregados. Sem alongar muito a discussão, lembro que a questão da memorização dos fatos e escolha pela aula expositiva acabou por sedimentar uma concepção de ensino de História. Nela, quem sabia os conteúdos, sabia história. E ainda, um bom professor era aquele que nos fazia aprender com mais rapidez datas e nomes. E, assim, gerações de professores e alunos foram sendo formados: aprendendo História sem, de fato, apreende-la de modo reflexivo e, portanto, significativo.

Não é novidade, também, dizer que, nos últimos tempos, a concepção de ensino de História—, esta concepção que muitos chamam de ‘tradicional’ —, começou a ser arduamente combatida pelos próprios professores, que passaram a não ver sentido na maneira em que os conteúdos eram levados para a sala de aula e, especialmente, nas respostas que os alunos davam a eles, ou melhor, nas respostas que os alunos não davam. Assim, especialmente desde os anos de 1980, tem ganhado espaço no Brasil uma discussão sobre a necessidade de renovar as formas de ensinar História. Muitos pesquisadores (que são também professores de História) escreveram textos e realizaram pesquisas mostrando a urgência de uma renovação no ensino. E muitos deles entenderam e propuseram que esta renovação fosse feita através de mudanças nas posturas dos docentes, especialmente na escolha dos materiais que seriam levados para a sala de aula.

Uma evidência muito significativa deste processo encontra-se na publicação do livro *Repensando a História*, organizado por Marcos Silva, em 1984. Os autores e autoras dos textos publicados são professores do então 1º e 2º graus, professores em universidades (e em ambos) e pesquisadores em programas de pós-graduação. Neste livro, as discussões propostas tematizam materiais didáticos e perspectivas sobre o que ensinar, que procedimentos escolher, entre outros pontos. Lendo os textos, podemos perceber preocupações que demonstram a necessidade de mais interlocução entre professores e alunos e entre os conteúdos que estes estavam ensinando e aprendendo. E, ainda, a importância e a necessidade de que novos procedimentos sejam incluídos no processo de ensino e aprendizagem, para além da exposição de conteúdos. Acrescento que, embora datadas, as discussões são ainda assustadoramente atuais!

Obras, como a citada anteriormente, foram se somando durante a década de 80 e 90 e realmente construíram outras sensibilidades para o ensino de História nas salas de aula. Outro exemplo é o texto publicado na *Revista Brasileira de História*, em 1990, por Selva Guimarães Fonseca, cujo título é “Ensino de História: diversificação de abordagens”. Nele, a autora faz um apanhado do que tinha sido escrito até aquele momento sobre o ensino de História no Brasil. Uma questão que se destaca neste texto é o comentário da autora ao dizer que o trabalho buscava comentar temas clássicos no ensino de História, como o uso de novas linguagens.

Grande parte dos artigos publicados em revistas e livros especializados, atualmente, relatam experiências de professores e alunos que, ansiosos por mudança passaram a utilizar diferentes linguagens no processo ensino/aprendizagem. Partindo de um alargamento da noção do que é História, de seus objetos e das formas como se manifestam no social, os professores tem conseguido diversificar as maneiras de produzir história na escola de 1º e 2º grau. As experiências com trabalhos através de músicas, da literatura, do cinema, da fotografia, etc. revelam possibilidades de se substituir ou confrontar a “única” linguagem “oficial” do livro didático com estas outras, que muitas vezes são desprezadas pelo historiador (FONSECA, 1989/1990, p. 205).

Como foi dito anteriormente, o texto é 1990 e vemos que a questão das novas linguagens era qualificada como um tema clássico. Algo

---

EntreVer, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 262-277, jan./jun. 2012 266

significativo e importante e que é preciso destacar: o discurso entorno da novidade não é tão fresco, como o adjetivo pretende afirmar. Pelo contrário, trata-se de um tema recorrente em nossas discussões. E se é recorrente poder-se-ia também questionar: tem tido um uso disseminado e eficaz? Ou, em outras palavras: o uso de novas linguagens tem promovido renovação no ensino de História?

Certamente que não há uma única resposta para esta pergunta. Possivelmente, em algumas citações, encontraremos situações de renovação e em outras não. Não cabe aqui o inventário de tais situações. Mas, de qualquer modo, cabe dizer que é necessário outro entendimento do uso dessas novas tecnologias, sobretudo porque é possível perceber alguns equívocos e desconhecimentos quanto a isso. Como situações-problema pode ser citado o modo como essas linguagens eram e são usadas: como ilustração, para completar uma informação, para interessar a turma, para preencher uma informação ou mesmo para ‘animar’ a aula. Isto é, em muitos casos ocorreu e ocorre um uso sem uma verdadeira compreensão do que significa o processo de ensino e aprendizagem. Houve, portanto, uma supervalorização dos recursos ou uma mesmo uma subutilização.

Entendendo que esta situação necessita ser mudada, e considerando que as diferentes linguagens, bem como a tecnologia, têm grande potencial para educação, cabe destacar como elas podem ser selecionadas e levadas para situação de ensino. Neste sentido, é importante trazer uma reflexão feita por Leandro Karnal:

Há algumas décadas, houve um equívoco expressivo na modernização do ensino. Julgou-se que era necessário introduzir máquinas para ter uma aula dinâmica. Multiplicaram-se os retroprojetores, os projetores de slides e, posteriormente, os filmes em sala de aula. [...] Que seja dito e repetido a exaustão: uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno. **Em outras palavras, podemos utilizar meios novos, mas é a própria concepção de História que deve ser repensada** (KARNAL, 2009, p. 9, grifo meu).

Tem-se aqui algo fundamental: a necessidade de pensar sobre uma concepção de História para, a partir dela, construirmos relações significativas de ensino e aprendizagem. Considerando o exposto na citação acima, é importante entender que a presença de novas linguagens nas aulas de História não deve vir em função de uma simples renovação dos métodos e tampouco pode ser entendida como possibilidade de promover um maior interesse dos estudantes. O importante é conseguir a ‘renovação’ e mesmo o ‘interesse’ dos estudantes, articulando para isso uma visão igualmente renovada do ensino de História. Trata-se de buscar objetivos para o uso de diferentes linguagens num processo conjunto com novos procedimentos e modos de entender as finalidades do ensino de História. Voltaremos a este assunto mais a frente. Faz-se necessário atentar, nesse momento, para o que está sendo conceituado como novas linguagens para o ensino de História e como estas podem ser selecionadas.

### **3 CONCEITUANDO “NOVAS LINGUAGENS” COMO RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: A PROPOSTA DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA**

Como já dito, o uso de novas linguagens, de linguagens diferenciadas, ou ainda da tecnologia, tem sido apontado como forma de renovar o ensino de História. Mas o que são as novas linguagens e como podem ser usadas no ensino de História?

Antes de qualquer tentativa de exemplificação, é importante apontar que as linguagens devem ser entendidas como recursos didáticos, ou seja, como meios para vivenciar o processo de ensino e aprendizagem em História. Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli trazem uma definição oportuna sobre o assunto, ao dizer que “recursos são os materiais disponíveis para a ação didática.” (SCHMIDT; CAINELLI. 2004, p. 32). Assim, quando falamos em recurso didático, estamos considerando algo que será escolhido pelo/a professor/a para processar a relação de ensino-aprendizagem.

Outra reflexão neste sentido é proposta por Selva Guimarães Fonseca:

A formação do aluno/cidadão se inicia e se processa ao longo de toda a sua vida nos diversos espaços de vivência. Logo, todas as linguagens, **todos os veículos e materiais, frutos de múltiplas experiências culturais**, contribuem com a produção/difusão de saberes históricos, responsáveis pela formação do pensamento, tais como os meios de comunicação de massa – radio, TV, imprensa em geral -, cinema, tradição oral, monumentos, museus etc. (FONSECA, 2003, p. 164).

Conforme o exposto, pode-se entender que, quando se fala em diferentes linguagens, consideramos os muitos produtos culturais, criados por nossa sociedade, e que fazem parte, portanto, do nosso cotidiano. São os elementos que nos rodeiam e nos ajudam a construir opiniões e saberes. Tem-se, portanto, que, quando falamos de novas linguagens, estamos considerando imagens, músicas, literatura, programas de televisão, filmes, ;desenhos animados/animações, programas de radio, elementos da cultura material, patrimônio cultural (material e imaterial), internet (sites, redes de relacionamento, etc.), jogos eletrônicos, etc. Reforço que cada um desses elementos deve ser visto como meio para provocar situações de aprendizado, não são, portanto, o fim da atividade, mas um modo para que um dado assunto seja problematizado e percebido.

Para pensar nos modos de conceituar as diferentes linguagens e os usos significativos que podem ter no ensino de História, vale destacar as possibilidades oferecidas pela Educação Histórica. De acordo com a definição de Isabel Barca e Maria Auxiliadora Schmidt, a Educação Histórica busca “respostas sobre a construção do pensamento histórico e a formação da consciência histórica de crianças e jovens” (BARCA; SCHMIDT, 2009, p. 12). Do ponto de vista dos pressupostos científicos, esta área “pauta-se nos referenciais epistemológicos da ciência da História, como orientadoras e organizadoras teórico-metodológicas do trabalho investigativo.” (BARCA; SCHMIDT, 2009, p. 13). Assim, “pode-se falar da existência de uma aprendizagem situada na história e da necessidade de conhecê-la, a partir da investigação e da análise” (BARCA; SCHMIDT, 2009, p. 13).



Por outro lado, as mesmas pesquisadoras afirmam que:

Do ponto de vista das políticas educacionais os investigadores da área de Educação Histórica buscam estar em consonância com as questões e problemas relacionados à realidade de professores, jovens e crianças, alunos de escolas básicas, para a qual dirigem seu olhar e os resultados de seus trabalhos (BARCA; SCHMIDT, 2009, p. 13).

É neste ponto justamente que se pode inserir a questão das diferentes linguagens como meios para estabelecer relações de ensino, ou como instrumento de investigação e, especialmente, como meio de articular nossa ação como docentes. A área propõe diferentes caminhos para observar e intervir no processo de desenvolvimento do que os pesquisadores chamam de ‘aprendizado histórico’, sendo a utilização de diferentes documentos históricos um modo de dialogar com a consciência histórica e provocar progressos no pensamento histórico.

De acordo com Jörn Rüsen, o aprendizado histórico é uma competência que todos nós desenvolvemos. Rüsen coloca que:

O aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica. É o processo fundamental de socialização e individualização humana e forma o núcleo de todas estas operações. A questão básica é como o passado é experienciado e interpretado de modo a compreender o presente e anteciper o futuro (RUSEN, 2010, p. 39).

Ou seja, trata-se de algo que é desenvolvido e individualizado por cada um de nós através da experiência, igualmente individual, que é a consciência histórica. Esta por sua vez, pode ser entendida como as “operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução no mundo” (RUSEN, 2001, p. 57). Ainda de acordo com o autor, a consciência histórica é nossa forma de relacionar e interpretar o passado com orientação sobre o tempo e projeção de futuro e, ainda, é um elemento fundamental para pensar o aprendizado histórico. Afinal, tem-se que a aprendizagem histórica é desenvolvida através de um processo subjetivo de internalização de conteúdos e categorias históricas e ocorre a partir da mediação dos saberes, que crianças e jovens

possuem, sobre os fatos históricos, e os modos como são mobilizados em experiências de ensino.

Neste sentido, vale assinalar que a Educação Histórica propõe que o aprendizado em História seja experienciado a partir de relações significativas, que promovam situações de interpretação e narrativa sobre os acontecimentos históricos, tomando como ponto de partida os saberes dos estudantes e, como recurso de aprendizagem, evidências empíricas. Como se sabe, o foco da Educação História é promover a investigação e a compreensão das ideias históricas de crianças e jovens para, através destas, realizar uma intervenção cognitiva significativa. E, para tanto, o trabalho com fontes históricas é muito relevante. Através dele é possível conceber tarefas de análise, de compreensão e de produção de narrativas – elementos chaves para a progressão do saber histórico<sup>3</sup>.

É desta perspectiva que entendo ser possível pensar um uso significativo de diferentes linguagens para compor as aulas de História. Repito, as linguagens são recursos didáticos e precisam fazer parte de nossas aulas com este entendimento. Enfim, elas são meios para mobilizar e construir saberes; são os instrumentos para reflexões sobre os acontecimentos históricos e os modos como estes acontecimentos são representados e, ainda, são ferramentas para estabelecer narrativas sobre a História.

Como tenho buscado ressaltar importância das ações docentes no processo de uso de linguagens, entendo que é mais eficaz ver estes encaminhamentos a partir de ações de ensino e aprendizagem de História. Assim, para dar visibilidade a esta questão, trago como exemplos algumas das reflexões vivenciadas nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

#### **4 O USO DE DIFERENTES LINGUAGENS POR PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS DE HISTÓRIA**

---

<sup>3</sup> A este respeito ver Barca e Schmidt ( 2009, p. 11).

Na UDESC, o Estágio em História é realizado em três disciplinas: Estágio Curricular Supervisionado I, II e III que possuem, respectivamente, as seguintes cargas horárias: 72 h/a, 144 h/a e 198 h/a<sup>4</sup>. As atividades teóricas e práticas estão distribuídas por esses três momentos, contudo, é mais efetivamente em Estágio II e III que os/as acadêmicos/as desenvolvem e executam seus projetos de Estágio. Na disciplina de Estágio II, durante o período de observação da turma onde será realizado o estágio e em paralelo com as aulas, cada um dos grupos recebe o recorte de temas que trabalhará, e constrói um projeto para atuação na escola. Na disciplina de Estágio III o projeto é executado.

Já há algum tempo, as professoras responsáveis pela disciplina, Cristiani Bereta e Luciana Rossato, têm proposto leituras sobre Educação Histórica, bem como têm desenvolvido pesquisa<sup>5</sup> sobre o assunto. Atuando como professora colaboradora entre os anos de 2007 e 2010, trabalhei nas atividades referidas e, desde o ano de 2011, quando me tornei professora efetiva da referida universidade, optei por trabalhar também a partir das propostas da Educação Histórica. Explicado esses detalhes mais ‘técnicos’, gostaria de relatar algumas das observações feitas durante o ano letivo de 2009, quando acompanhei as disciplinas de Estágio II e III. Pretendo apontar como os quatro grupos de estágio<sup>6</sup>, que estavam sob a minha orientação, definiram os seus projetos, observando especialmente como as diferentes tecnologias foram conceituadas, escolhidas e utilizadas.

Inicialmente, pode-se dizer que todos os grupos apresentaram a vontade de diversificar o uso de diferentes linguagens, por entenderem que isto significaria mais participação/envolvimento/interesse dos alunos.

---

<sup>4</sup>Para saber mais sobre o curso de História da UDESC consultar o portal disponível em: <<http://www.faed.udesc.br/?id=110>>

<sup>5</sup>Um exemplo é o Projeto de Ensino e Pesquisa *O pensamento histórico de crianças e adolescentes: o ensino de História na educação básica*.

<sup>6</sup> Neste artigo optei por identificar os grupos com números para preservar a identidade dos estagiários e das estagiárias. Desse modo serão feitas as seguintes referências: Grupo 1, Grupo 2, Grupo 3, Grupo 4. O material produzido por esses grupos encontra-se disponível na Biblioteca Universitária da UDESC e pode ser consultado no CD Rom – Exemplar 2545451, que contém a íntegra dos relatórios apresentados no ano de 2009 ao curso de História da UDESC.

Para localizar o referido CD Rom é possível consultar o seguinte endereço: <<http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/00000000000D/00000D47.doc>>

Como é possível observar no trecho a seguir, retirado do projeto do Grupo 2:

Pretendemos utilizar diferentes recursos para as aulas, principalmente atentando para as novas formas midiáticas e de como podem ser apreendidas pela turma. [...] pensamos em diversificar metodologias, ora usando aulas expositivas e dialogadas, ora intercalando recursos como música, imagens e trechos de documentos históricos, atentando para a análise desses materiais pelos estudantes (Projeto de Estágio – Grupo 2).

Por sua vez, o segundo texto que selecionei traz a reflexão do Grupo 1, que escreveu:

Ao refletirmos e observamos a turma, percebemos que os alunos se sentem mais motivados com a utilização de “novas tecnologias” em sala de aula, através da utilização de novas fontes históricas, como por exemplo, o uso de imagens, filmes, seriados de televisão, novelas, vídeos, literatura brasileira e música (Projeto de Estágio – Grupo 1).

Reforço que há o entendimento dos grupos de que as diferentes linguagens não seriam usadas como ilustração dos conteúdos, como é possível notar na seguinte fala, onde o grupo diz que o uso dos recursos seria um meio de articular as aulas ou, ainda, de promover debates.

Para tentar dialogar com esse mundo dos jovens, utilizaremos como ferramentas didáticas sons e imagens relacionadas ao golpe e à ditadura civil-militar. Dessa forma, articularemos nossas aulas à imagens produzidas no período, principalmente vídeos disponíveis hoje, bem como representações contemporâneas a respeito do período, principalmente filmes de ficção ou seriados de televisão (Projeto de Estágio – Grupo 3).

Pelos trechos selecionados, é possível entender que, inicialmente, a opção por diferentes linguagens ocorre como meio de estabelecer a participação da turma nas aulas. Veja-se, contudo, que tal aposta não significa que vá ocorrer efetivamente uma participação dos alunos e tampouco há qualquer garantia de que, ocorrendo a ‘participação’, vá ocorrer também o aprendizado.

Como vimos aqui o aprendizado histórico ocorre quando há progressão no pensamento histórico, e tal processo necessita de mais do que atenção à aula ou o interesse pelo recurso. Para que ocorra a progressão no aprendizado histórico, é necessário que sejam

experimentados determinados procedimentos como a leitura de diferentes fontes e que, a partir desse processo, os estudantes desenvolvam uma narrativa sobre o que estava sendo estudado. Neste sentido, e a partir do que os grupos planejaram e começaram a vivenciar, lhes foi questionado/proposto: como de fato avançar na ideia de participação para a de experimentação? Ou, em outras palavras, como fazer um uso dos recursos didáticos para o desenvolvimento do aprendizado em História?

Destaco que a opção pelo uso de música, trechos de filmes, programas de televisão, como novelas, de literatura, de desenhos em quadrinhos, de imagens etc., foi sugerida e incentivada na preparação do projeto e dos planos de aula. No entanto, mais do que pensar o que usar, pedimos atenção para o como e o porquê usar. Em função disso os grupos tinham que apresentar justificativas que expressassem o porquê do uso de determinado recurso, e ainda o entendimento do grupo sobre os objetivos do ensino de História. Neste caso, o Grupo 3 justificou colocando que:

Nossa intenção é trabalhar com imagens e sons do período da ditadura militar, com o objetivo de inserir os alunos no tempo em que estamos trabalhando, apresentando inclusive aspectos cotidianos, sociais, políticos e culturais do período. Temos neste estágio o objetivo de fazer com que os alunos transitem por conceitos como ditadura, democracia, governo, oposição e resistência, a partir de imagens e sons relacionados á ditadura (Projeto de Estágio – Grupo 3).

Por sua vez, o Grupo 1 argumentou que:

Escolhemos trabalhar com diversos tipos de mídias com base em alguns estudos já realizados nesta área a nível nacional, que propõe uma diversificação quanto à utilização de tecnologias na pratica docente do ensino de História nas instituições educacionais. Como futuros docentes e profissionais em História, temos ciência da importância de conscientizar os alunos para a necessidade de se analisar com um olhar crítico as fontes escritas e visuais utilizadas nas discussões. Análise esta, que buscará compreender os fatos que permearam a elaboração e utilização destes documentos (Projeto de Estágio – Grupo 1).

As considerações expostas dimensionam a existência de uma sensibilidade quanto ao uso de diferentes linguagens e uma preocupação em estabelecer o seu uso de modo crítico, bem como de permitir aos

estudantes um entendimento dos 'documentos' em análise como construções discursivas. Ou seja, os grupos evidenciam a vontade de demonstrar, aos estudantes, que não trabalham com verdades históricas prontas e/ou definitivas e, ainda, que tinham ciência da importância de trabalhar a História como algo em construção.

Lembro que os alunos em questão realizaram seus projetos a partir de várias discussões teóricas – especialmente desenvolvidas durante a disciplina de Estágio I – durante as quais muito se falou sobre os pressupostos e possibilidades oferecidas pela Educação Histórica. Neste sentido, esperava-se que os grupos fizessem uso de tais leituras, buscando planejar as aulas a partir desta área. Alguns fizeram outros não, mas de modo geral, mesmo que em breves momentos, a ideia apareceu.

Penso ser importante evidenciar um desses momentos em que a leitura sobre Educação Histórica apareceu, subsidiando as escolhas do grupo. O Grupo 2 assim escreveu:

levamos em conta as novas concepções acerca das fontes documentais para o estudo da História,...]; assim como as novas propostas, que concebem alunos e professores como criadores de saberes, como agentes ativos do processo educativo, este não mais focado no professor e no saber deste como poder, em consonância com Schmidt e Cainelli ao dizerem que “essa concepção de documento histórico exclui qualquer relação autoritária, como a do ensino sempre centrado no professor (Projeto de Estágio - Grupo 2).

O mesmo grupo define como pretende estabelecer o uso das diferentes linguagens em suas aulas:

[...] investiremos em atividades como as oficinas de análise de documentos, ou mesmo instigando a interpretação coletiva dos materiais como recurso para iniciar uma aula expositivo-dialogada, por exemplo, ou mesmo para tentar um constante diálogo e aproximação entre nós – estagiários – e os estudantes e suas visões de mundo (Projeto de Estágio – Grupo 2).

O uso de oficinas e outras atividades, onde os grupos selecionavam diferentes linguagens para serem analisadas pelos estudantes, foi muito recorrente ao longo de todo o estágio. Os planos de aula – parte individualizada de cada projeto – trouxeram diversos

momentos que articulavam procedimentos de comparação, interpretação e produção de narrativas por parte dos estudantes. Percebe-se, de fato – analisando o material produzido por cada um dos grupos –, uma intenção de dinamizar as aulas e, antes disso, de pensar a aula como momento de reflexão sobre a História. Cabe destacar que o modelo de aula-conferência esteve presente em alguns (talvez muitos) momentos e que, por vezes, os estagiários exageravam no número excessivo de recursos levados para uma mesma aula. Contudo, de modo geral, as experiências foram bastante significativas, se formos considerar um dos objetivos mais gerais dos projetos e das aulas: estabelecer situações de ensino que tomassem os estudantes como parte fundamental do processo.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entendo que é preciso formar professores preocupados em selecionar conteúdos, recursos e objetivos para o ensino de História, mas não se trata de uma formação meramente técnica. Nosso compromisso é estabelecer outra sensibilidade para a formação de professores. E assim entendo que é preciso colocar uma simples, porém difícil questão: que ensino de História queremos? E partir dela: que professor de História formar?

Considerando o exposto neste texto, vimos que há uma geração bastante atenta à importância do uso de diferentes linguagens nas aulas de História. Da mesma forma, esta geração entende a necessidade de dialogar com os saberes prévios de seus alunos, estabelecendo com eles relações de interpretação e produção de narrativas, entre outros aspectos. Certamente, este não é um consenso entre os alunos que ajudamos a formar, mas parece um bom caminho a ser seguido. Este texto não tinha a intenção de apontar modelos corretos ou buscar os problemas enfrentados durante o processo de estágio. Tratou-se, aqui, de apontar algumas das escolhas feitas por um grupo de estagiários – que teve seus sucessos e fracassos como qualquer outro grupo. Nesta tentativa de apresentar o que foi feito, fica a proposta de estender o

diálogo sobre este ponto tão importante, que é seleção de recursos didáticos para o ensino. A grande questão que permanece é a potencialidade das diferentes linguagens, que podem permitir excelentes leituras para professores e alunos, leituras essas que podem e devem ser comprometidas com o propósito de entender a História como modo de nos orientar na vida e no tempo. Para fechar, ficam as palavras de Rusen, que ensinam e desafiam:

somente quando a história deixar de ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos [...] é que ela poderá ser apropriada produtivamente pelo aprendizado e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana (RUSEN, 2010,p. 44).

## REFERÊNCIAS

BARCA, I.; SCHMIDT, M. A. (Org.). **Aprender história: perspectivas da educação histórica**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

KARNAL, L. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **História na sala de aula**. Conceitos, práticas e proposta. São Paulo: Contexto, 2009.

FONSECA, S. Ensino de História: diversificação de abordagens. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 9, n. 19, p. 197-208, set.1989/fev.1990.

FONSECA, S.G. A incorporação de diferentes linguagens no ensino de história. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Didática e Prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizagens**. Campinas: Papyrus, 2003.

RÜSEN, J. Aprendizado Histórico. In: BARCA, I. SCHMIDT, M. A.; MARTINS, E. de R. (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, M. (Org.). **Repensando a História**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Relatórios de estágios do curso de História da FAED 2009/2**. 2009. 1 CD-ROM: color.

*Recebido em 14/01/2012*

*Aprovado em 15/02/2012*